

Lucchesi, Marco (2020). *Cultura da paz*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 204 pp.

Existem épocas que exigem a coragem dos mais bravos para que se possa resistir. E a época atual não fica atrás. Na mesma proporção em que os habitantes do planeta se multiplicam, os conflitos humanos e existenciais acompanham. Assim como as publicações das mais variadas.

Cultura da paz é uma obra que se destaca no complexo e quase insondável cenário atual. Diga-se de passagem que o autor, Marco Lucchesi, é muito conhecido, não somente no Brasil, por lutar, entre outras coisas que poderiam ser mencionadas, pelo diálogo pacífico entre o Oriente e o Ocidente.

Possui a seu favor, com a tranquilidade habitual dos grandes sábios, o domínio irrepreensível de mais de vinte línguas. O autor é poeta, romancista, tradutor, ensaísta, memorialista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é presidente da Academia Brasileira de Letras, desde 2018, onde ocupa a cadeira de no. 15. Correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Seus poemas já foram traduzidos para mais de dez idiomas. Desde sua presidência tem intensificado convênios, parcerias, encontros, entre outras atividades, para amplificar e possibilitar diversos processos culturais. Sua presidência tem se mostrado, na prática, aliada fiel na busca da diminuição de desigualdades em todos os níveis.

A obra em questão é um livro de ensaios que dialogam com diversas áreas do conhecimento. Diga-se que poderia ser denominado como uma verdadeira educação estética e política que atravessa múltiplos assuntos. Divide-se, em blocos, por temáticas metafóricas. Cada bloco é dividido por ilustrações belamente trabalhadas pela editora.

O primeiro deles se chama *Locatários do Presente*. Este bloco possui ensaios que chamam a atenção visto que Marco Lucchesi faz algumas incursões pela cidade do Rio de Janeiro, Cusco, Nova Déli e outras. O fio condutor de tais ensaios está, com leveza e elegância, nos ecos de uma autobiografia que navega por momentos significativos das imagens de infância do escritor. Uma poética do espaço em que faz algumas reflexões, entre elas, sobre a importância de se pensar o futuro das grandes cidades e se repensar seriamente mudanças rigorosas que preservem, de fato, o meio ambiente. “(...) é chegado o momento da proposição de políticas públicas contundentes, que levem a pós-metrópole ao protagonismo da mudança não apenas das fontes de energia, mas de um velho e perigoso paradigma que precisa ser, de uma vez por todas, superado, em benefício de nossa casa comum” (p.30).

O segundo bloco do livro é intitulado *Índice de Barbárie* e traz diversos ensaios cuja ligação está, em especial, nas questões da barbárie dos presídios brasileiros.

O autor denuncia, vigorosamente, fatos trágicos que envolveram grandes tragédias dentro de certos presídios brasileiros. Atravessam os textos deste bloco uma certa amargura quando lembra de muitas visitas que fez a presídios (um trabalho contínuo de Lucchesi, inclusive, dá muitas aulas em presídios masculinos e femininos do Rio de Janeiro). Onde a fome de justiça reina, quase, sem retorno. “Porque a velha lógica da prisão é a de um monstro ciumento, que raramente se desfaz de suas vítimas, mesmo após a liberdade. Monstro que aposta na reincidência, na marca de um passado sem remédio, de um estigma” (p.44). Lucchesi, desta forma, destaca, no mesmo ensaio, a importância da literatura. Ou seja, que um caminho possível de libertação estaria, por exemplo, em investimentos em bibliotecas no contexto do sistema carcerário. “Tenho como urgente a criação e o aperfeiçoamento das bibliotecas, dotadas de livros novos, com variedade e qualidade, não se limitando exclusivamente a conteúdo didático, paradidático ou de proselitismo religioso” (p.44). E mais: “Bibliotecas que sejam desenhadas com estatuto real de emancipação, da literatura como janela para o mundo, fonte de reflexão e encontro da esfera subjetiva” (p.44).

Predominam no terceiro bloco, *Pentimento e Proporção*, da obra em referência, questões que analisam uma estética ligada a artistas que, de certa forma, tiveram um olhar que os destaca na forma de olhar para o mundo. Nessa perspectiva, o autor ressalta o espírito inovador e sempre atual de Leonardo da Vinci: “A cultura do Mais desvela a Alma do Mundo e ausculta seus batimentos cardíacos. Conhecimento ordenado mediante poderosa intuição. Olhos agudos e partícipes” (p.49).

O quarto bloco intitulado *Corpo-Galáxia* traz, para nós leitores, uma verdadeira síntese, de imagens, em que Lucchesi destaca algumas vozes poéticas. Entre elas a poesia de Vera Duarte Pina que traduz, segundo ele, um fio condutor em que reluz a poética luso-brasileira e cabo-verdiana. No entanto, o que nos chama a atenção, uma vez mais, é a forma como o autor conduz o ensaio. Eis a sua maestria. A sua própria poética se cruza e se entrecruza com a voz de Vera Duarte e nos alerta que a poetisa encarna uma espécie de solidariedade que atravessa os continentes e acaba por reuni-los em vozes que antes dispersas, talvez, agora mais em consonância.

Contudo, um dos textos que mais chamam a atenção se intitula *Dante 759*. Este texto possui um tom (forte) de denúncia em que a indignação do autor se converte em uma voz, no mínimo, furiosa diante de injustiças. Seguramente percebem-se os ressoares agudos do famoso texto de Émile Zola, ou seja, *J'accuse* (publicado em 13/01/1898) quando desafia a incapacidade da justiça francesa face ao famoso e memorável caso Dreyfus. Neste texto, de forma vagarosa como alguém que prepara o ataque diante do inacreditável daquilo que assiste, Lucchesi faz uma incursão poderosa, artilharia e, extremamente profunda, pela *Divina Comédia*: “Dante tomou para si a tarefa de julgar amigos e inimigos, legislando sobre o lugar no outro mundo e o tipo de pena ou fruição” (p.75). Prossegue o autor: “Seria aconselhável a leitura

dos 34 primeiros cantos no Inferno a certos políticos irresponsáveis de nosso tempo, a certos magistrados, que perderam a lucidez, movidos por interesses partidários” (p.75). E com isso o autor traduz, para nós leitores, a incapacidade dos sistemas governamentais, mesmo dentro de um contexto que se diz democrático, em gerir, de fato, os pilares da justiça em prol dos menos favorecidos. “Dante reservou também um confortável apartamento para os semeadores de discórdia, mutilados, com as vísceras à mostra” (p.76). Por fim assegura que a obra de Dante não é marcada somente em prol da justiça. Mas que oferece, inclusive, uma dimensão de esperança. Como deveria ser percebido o conceito de esperança? Aprofundamento na confiança de um processo democrático.

Intitula-se *Inquietude Semântica* o quinto bloco que integra *Cultura da paz*. Destaque-se nesta parte uma espécie de diálogo que o escritor mantém com Umberto Eco quando o semiólogo italiano morreu. Diga-se de passagem que Lucchesi foi o tradutor de diversos livros de Eco para o português. O diálogo prima pela beleza, delicadeza e estreiteza de relações e, sobretudo, pela dor da perda de um grande pensador e amigo. “Mestre Umberto, você mostrou as fraturas do Ocidente, onde se conjugam passado, presente e futuro, sem medo. Sentiremos profundamente a sua falta” (p.96). No mesmo bloco vale a pena ressaltar o diálogo com Montaigne. No ensaio em questão o autor destaca a excelência dos ensaios de Montaigne e coloca os possíveis obstáculos de uma tradução para a língua portuguesa. O imenso trabalho de um tradutor ao ter que escolher as expressões mais significativas e conceituais para não perder o fio condutor de, no caso, um pensador. Nessa medida, reforça a responsabilidade e compromisso da tradução.

O sexto bloco, *Apolo e Tutuguri*, chama a atenção o texto em relação a Artaud. Neste texto Lucchesi ilumina, com uma prosa-poesia, profundamente singular, uma possível leitura da obra de Artaud. Destaca, entre outros pontos, a construção de uma nova ontologia diante das propostas de Artaud.

No mesmo bloco, em *Aproximações de Remo Bodei*, o autor coloca uma entrevista que fez com o filósofo italiano. O tema é a esperança de acordo com os conceitos de Ernst Bloch, que como se sabe, é um expoente no tema. Destaque-se o alto grau conceitual da entrevista em que entrevistado e entrevistador fazem uma abordagem primorosa sobre a esperança. Ou seja, discutem em que medida a esperança deve ser percebida enquanto uma lógica do desejo que não deveria ficar somente em um plano racional. Mas, sim, no plano dos sonhos de olhos abertos. A esperança, de acordo com eles, na esteira de Bloch, atravessa camadas profundas. Sem sem ela a humanidade ficaria asfixiada. No contexto da entrevista há importantes reflexões a respeito do tempo histórico e que englobam as diversas perspectivas, dentro da área da física, sobre concepções de temporalidade, incluindo, a importância da relatividade quando torna possível, cientificamente, uma nova perspectiva temporal. Isto é, se contrapõe à

concepção de um tempo absoluto para mostrar que a ideia de simultaneidade temporal não tem mais espaço para reflexões, em especial, epistemológicas.

O bloco denominado *Topologias* é centrado em imagens da memória. O autor resgata, suas imagens de um passado em que manteve uma amizade muito estreita com a famosa Dra. Nise da Silveira. Psiquiatra e psicanalista brasileira. Um texto em que descreve a importância de Nise e do trabalho extraordinário que realizou indo contra, em sua época, com os métodos agressivos que eram usados em pessoas consideradas com alto grau de loucura. Nessa medida, chama a atenção para o famoso Museu de Imagens do Inconsciente localizado no Rio de Janeiro.

No último bloco, que se intitula *Fuga em Ré Menor*, no ensaio *Língua Portuguesa e Cultura da Paz*, Lucchesi trama um imenso diálogo entre Brasil e Portugal. Perfaz um caminho em que tece alusões aos grandes escritores portugueses e brasileiros. Tece redes literárias mostrando o quanto a leitura de Fernando Pessoa, Camões e outros foram fundamentais para sua trajetória em todos os sentidos. “Tal como Sá-Carneiro, ando perdido entre o que sou e uma intangível alteridade, a salvo, tão-somente, porque unido aos heterônimos de Pessoa, em cujas formas se dissolvem meus cuidados” (p.185).

Ao finalizarmos a leitura de *Cultura da paz*, seguramente, somos remetidos ao início. Mas não de forma sequencial. E, sim, para retomarmos alguns textos. Porque a profundidade, a erudição do autor (sem a prepotência dos medíocres) e a beleza dos mesmos exige isso.

Na verdade, quando lemos um livro, não importa a tipologia textual, não nos voltamos para trechos e partes que mais nos encantaram por algum motivo? Sentimos uma necessidade interior de reler trechos ou partes que, de alguma maneira, foram mais significativas para nós. São as famosas associações subjetivas que nos atingem quando lemos. Ao lermos nos libertamos das amarras das dimensões temporais. Por isso, entre outros motivos que poderiam ser colocados, a literatura liberta. Nada mais libertador do que as viagens que um bom livro proporciona. Nada mais libertador do que as algemas da exterioridade estilhaçadas em milhares de pedacinhos perdidos e voando sem destino. E, talvez, o mais importante, por lembrar do bom e velho Sartre, a literatura concede a abertura necessária para a permanente construção de nossa liberdade em sua imobilidade quando não acionada, requisitada.

E finalmente este livro nos leva a algumas indagações. Considerações que devem ser refletidas. Ou seja, apesar de tratar questões, objetivamente, das mais variadas, o que caracteriza o grau de erudição e domínio de conceitos relativos à música, filosofia, matemática, história, política, literatura e tantos outros de Lucchesi, consegue um alto grau de imagens e metáforas. Nessa perspectiva, se pensarmos, especialmente, em Deleuze, conseguimos refletir, de forma substancial, o quanto o pensamento predominantemente racional se mostra insuficiente para nomear e dar conta de traduzir

nossos próprios pensamentos e sentimentos. Eis mais uma abertura de exercício de pensamento que esta obra nos remete. Esta obra possui a predominância absoluta de signos sensíveis sobre os mais materializados. Estes considerados mais distantes daquilo que, realmente, a linguagem busca alcançar, (jamais devemos esquecer dos grandes pensadores no que tange à classificação de signos), quando materializa nossos pensamentos. Sabe-se: sem linguagem, qualquer que seja ela, não pode haver pensamento. Quanto mais objetiva uma linguagem mais distante do objeto – seja ele qual for – menos saberá representá-lo.

Avaliando, de fundo, as posições de Lucchesi, assim como suas perspectivas, concluímos, seguramente, que sempre aspiram a universalidade de valores autênticos e que caminham para um mundo que busque eliminar todo e qualquer tipo de desigualdade. O escritor compreende, com grande sabedoria, que Ocidente e Oriente não podem ficar desvinculados de metas que visem o bem estar mais geral da humanidade. Pelos textos de Lucchesi percebe-se que processos de universalização são compreendidos, na verdade, em todas as esferas, como unilaterais. Mas ele insiste e aposta alto, sem o menor grau de pessimismo, que a soberania, acima de qualquer suspeita, para o bem geral, deveria e deve ser a *Cultura da paz*.

Ana Maria Haddad Baptista

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

Email: professoraanahb@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-003-3468-0158>